

Cenários dos Anpedianos biografemáticos

*Carolina Comerlato Sperb
Sandra Mara Corazza
Karen Elisabete Rosa Nodari*

Resumo

O presente artigo parte um pouco da tradição, do meio de transcrição e muito de transculturação (CAMPOS, 2013). Cultuar-se a textualizar - aqui e para frente é algo diário-e-criado, assim como criar também é criativamente textualizar-se. Criação escrita-e-sinalizada entre tradição-tradução de filosofias; entre diferenças artísticas; entre artes diferenciadoras (de se diferir) em cenários improvisados entre professores e estudantes de educação superior e básica. Este Texto parte de invenções, não estratificações, não coisificações, antes de tudo, significações ao pesquisar e ao ensinar Educação e Arte, em um jogo com elementos curriculares-didáticos e com signos biografemáticos-literários-romanescos. Textuário-cenário agenciado em uma tradução-e-criação além de currículo nômade-fragmentado-caótico (CORAZZA, 2008, 2013), maquinada e desejamente esquizofrênica por ciências-filosofias-artes sujeitadas-e-gozadas (DELEUZE; GUATTARI, 2010, 2011). Procedimentos textuais-metodológicos e processos de produção curricular-didática, traduzidos-artistas como artes metódicas biografemáticas (BARTHES, 1984, 1985). Exposição-argumentação de línguas-culturas-literaturas estrangeiras a artistas-e-artísticas em meio à Educação.

Palavras-chaves: Educação, Filosofia, Arte, Libras.

Cenários dos Anpedianos biografemáticos

Meios anpedianos imaginários-artísticos envolvidos na Educação. Bio é vida, grafema é obra que fabrica esta própria escrita biografemática, outra escrita e, ainda mais uma outra a partir daqui. Cenas traduzidas artisticamente por meios biografemáticos. Cenário movido em atualidade. Daí cenário (cena+cenário) como ação figurativa-imaginativa. Com sufixo 'ário' de gregalidade, por qual se enche de cultura-língua-vida infinita-difusa-derivada de ser-agir-reagir, está aí variável de significados-elementos-atos estéticos. Signos traduzidos por personagens conceituais e criados por figuras estéticas (DELEUZE; GUATTARI, 2010) e por cenários que movem pensares e reagem ainda outros pensares sobre, com e entre sujeitos-objetos-ações de invenção biografemática, entre alguns Barthes, autores mesmos-anteriores-posteriores e pesquisadores de diferença-filosofia em Educação.

Suas entradas conceituais-emprestadas tornam-se fragmentadores de fragmentos, fragmentando-se em cena, e neste Texto, entram saídas conceituais, ao mesmo tempo, tomam encenadas e a encenar sob pesquisas curriculares-didáticas na perspectiva filosófica e

artística. Tudo isto fluxa-recorta-cria linguagens e personagens conceituais; que partem de tradição-tradução inventiva e biografematicamente criada por meio de cenário universitário entre professores e estudantes de um suposto curso parcial *Filosofia* em licenciatura (e implicitamente bacharelado, referindo por próprios signos deste artigo científico) e de cenário eventual entre professores e estudantes de educação básica e superior; que explora amabilidades às artes de se educar como literatura livre (não sequenciada), poesia (ou prosa, ou poema) de expressão criativa (não dependente), história viva (não morta), teatro imaginário (não instrumentalizado), dança corporal (não treinada), canto gestual (não memorizada), etc.; que anima-frutifica vida à “tradução da obra de arte verbal” (CAMPOS, 2013, p.207), à produção biografemática-artista (BARTHES, 1987, CORAZZA, 2013); à escrituras transcriadas (CORAZZA, et al, 2014) e que movem processuais curriculares-didáticos dançantes-poéticas por meio de Educação e Arte.

O conceito da ação teatralizada-dramatizada de ler-escrever interior é uma prática de significação, uma prática de se nomear-e-agir, uma prática biografemática. Escrever-ler cenas também são próprias biografemas. Cenários expostos e movediços por procedimentos metodológicos de se escrever signos em ação e criar-agenciar relações apaixonantes e apaixonados de ler-escrever breves, pontos, traços, rastros, planos, trajetos, nunca em “extensão histórica de sua significação” (BARTHES, 1987, p. 73), e sempre em significação última, “onde o pensar é realmente produtivo, onde é criador, ali ele é sempre também um reagir” (ADORNO, 1995, p. 17) de novas significações ao artistar próprias educações e ao educar próprias artes. Nisto, “não há circulação permanente de significações” (CORAZZA, 2003, p. 3), pois então, sempre há de se circular livre e criativamente por significações. E tornam-se extensos cenários além desta extensão intensiva.

D[essa] vez...

– Mas o que é ANPED? – Questionou-se Samie, estudante-coruja de palavras, olhando o site divulgado de ANPED SUL 2016. Nesse espaço em ato, era de estilo grego-e-moderno, de cores indefiníveis, e sentados na forma de U, era também de pensamentos-tempos-virados filosóficos. Cenário pulsado “à filosofia uma história e também uma geografia agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, no tempo, e passam, fora do tempo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16). Fora do Espaço-Tempo Cristal (algo que uma pessoa fica com olhos fixados à luz imaginada, ao mundo interior), sempre leitor, tradutor e criador. Dentro deste tempo presente, tendo “uma sucessão de instantes não faz o tempo; ela também

o desfaz; nele, ela somente marca o ponto de nascimento, sempre abortado” (DELEUZE, 2006, p. 76). Em cena, em ação, os atores-estudantes-professores produzem e criam seus pontos de nascimento filosófico-babélico, antes, de envelhecimento de História de Filosofia (de conceitos já significados), ousando em suas próprias singularidades singulares de criação, explodindo os eus [personagens de criação] e outros [conceitos-ferramentas-metodológicas] em distintos e múltiplos modos de expressão, seja poética, linguística-e-filosófica, literária, artística. E, agora, entram em ação:

– Bem, veja em outro lugar online, veja o ANPED *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Entendo-te inocente dessa ignorância, não valeria saber sigla sem conhecer seu conceito...isso me lembra das siglas Libras, ocorre o mesmo, muitas vezes vimos Libras em vez de Língua de Sinais Brasileira, ou língua brasileira de sinais, não é? – Disse Taylor, docente em ação.

– Pouco importa? Importa? Samie, vejamos a seção de inscrições, em que expõe o nome de (ou da?) ANPED que é uma reunião marcada de pós-graduação entre pesquisadores, estudantes e participantes ouvintes-surdos. – Invadiu Zilu, sinalizando, mantendo atenção à colega.

– Mas, Zilu, Taylor, Samie, essa Associação funciona com depósito de valores, mas o que realmente ela atua? Gastamos dinheiro de nosso suor e recebemos o que? Reconhecimento científico? – Agitou mãos da Molly, com lembranças magoadas de acontecimentos últimos na ANPED/2012 em Porto de Galinhas/PE, onde não atendia a acessibilidade linguística (intérpretes de Libras) aos pesquisadores Surdos (sinalizantes de Libras).

– Não sei como começar com algum Autor e qual Obra? Qual problema devo selecionar? Apontar problematizações e apresentar argumentações? – Questionou inocente e novamente, Samie.

– Como diria Bachelard (2008, p. 183), “o passado de cultura não conta... é preciso estar presente... no êxtase da novidade da imagem”, também lembremos de ditos deleuzianos e guattarianos (2010, p.68), que “a história da filosofia apresenta tantos planos muito distintos”. Ah, tem mais... “Cada um tem sua maneira sempre recomeçada de relançar a transcendência; e também, mais profundamente, em sua maneira de fazer a imanência”, já que sinalizo essas palavras transcendentais e propomos lançar-escrevendo nossos pensamentos e produções em plano imanentemente artístico...

– Certamente, professora! Como diria Corazza (2006, p. 27), em sua relação com o devir, que remete ao passado e ao futuro simultaneamente”. O passado não está escrito. Nem

o Futuro. Tão somente o presente. Com criação assim, bem se imagina, bem se vê. mas ora, mais uma nova dor de cabeça: eventos em fogueira, não sei mais por onde começar! – Respondeu, perdidamente, Zilu cansado do excesso de eventos promovidos no Brasil.

De longe, Taylor os observa e se distrai fisicamente e manipula pensares de como escrever um artigo relacionado entre Educação e Arte. Decide mexer no computador e navegar pelo site do ANPED SUL, leu sinalizando: “O tema Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, e a inspiração da poesia de Paulo Leminski [...]”. Parou de sinalizar, distraíndo-se fisicamente e mantendo olhos mentais somente à sua frase poética: “Não discuto com o destino, o que pintar, eu assino”. Percebeu a turma silenciosa, visualizando expressões faciais de má vontade da Molly e do Zilu e, respirou inspirando-se em signos gestuais:

– Este instante, presente, deste tempo, forma e transforma o passado como passado. Abordamos, desde já, os presentes, inventando nosso Evento! Samie pode entrar como leitora-aprendente, Molly como escritora-incluída, Zilu como criador-concentrado em algo. Podemos traduzir e transcriar nossos “algos”, por exemplo, como eu tenho de publicar, cumprindo uma das exigências universitárias de meu doutoramento, como Zilu tem de produzir algo, quem sabe, depois escolhe um só evento, para começar...

– Evento filosófico?

– Ou seja, artístico!

Samie e Molly responderam complementando um ao outro, animados, e Taylor continua agitando mãos tão femininas:

– O que e como movemos e politizamos social, governa e poeticamente as artes? Vamos explorar criações artísticas, e no próximo encontro trazermos nossas criações e compartilharmos expressões de se dar significação, ok? É claro, antes com signos belamente conceituais de autores que nos inspiram como professores muito boa didática de escritos, como os autores além-edipianos, bopianos, pensadores de diferenças puras, tradutores-escreitores... – Parou de falar-sinalizar ao ver suas cabeças de estudantes-futuros professores navegadas nos mares nuvens. Viu Molly, que estava no pensamento persistente de que o evento da ANPED fosse acessível com tradutores-e-intérpretes de Libras, olhou Samie, concentrada escrevendo no seu diário e logo, recebeu uma resposta neutra expressada pelo rosto do Zilu.

–Vamos lá, entramos agora em ação, resolvendo tais coisas: divulgação, organização de temáticas, reservas locais, etc....

Dia marcado...

O evento aconteceu na Praça Pública, no espaço arquiteto, com aquele grande pátio de andar patinando em chão “liso”, enquanto uns descansam patins, buscam ajeitar um círculo de se sentar, alguns traziam almofadinhas pequenas, outros colocavam seus moletons, outros, relaxados, sentados à espera de que chegassem todos a inaugurar:

– Bem vindos *Educadores&Escritores*: gostaram de um pouco de atividade corporal, ou seja, física? Percebo alguns rostos mudos, uns surpresos, e outros, curiosos. Isso é uma atividade interdisciplinar... Agora vem aí Taylor, transdisciplinar querida –Suspirou um ar calorosamente gasoso, Tim em sinalização, que acabara também de patinar.

– Bom dia à todos, agradeço ao Tim, agradeço à vocês presentes. Bem vindos, daí para cá, é uma oportunidade de expormos juntos problemas, ações, criações... Não como “Professor” ou “Estudante”, muito menos “Ouvintes”. Aqui estamos como educadores de vidarbos, conceito enriquecido e enriquecedor que CORAZZA (2013) nos colabora. Vidas-e-obras, produzidas nesta produção e pela produção desejante (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Também como escritores de pensamentos fragmentários e fragmentadores, multipliquemos ainda, outros novos fragmentos neste lugar onde atuamos como professor, ou estudante de educação básica e de educação superior. Começamos a sentar, por favor. – Acenou as mãos como um sinal gentil e alegremente indicando um ato de se mover, e continua, Taylor em ação:

– Este evento tem por objetivo “*Our mission is to enrich and empower Deaf artists*”¹ para movemos-nos, neste presente, como um encontro potente de personagens sinalizadores por signos gestuais [e também desses signos palavrários] ...

– Mas espera aí, reconheço esta frase, que parte do site inglês, na verdade, diz: “Nossa missão é enriquecer e fortalecer artistas surdos para um amanhã?” – Perguntou Daphne, professora da outra universidade, parcerias projetais coletivas, com expressão enrugada de dúvida, olhando fixamente à Taylor. Esta lhe sorriu, gestualizando:

– Sim, isso é uma perspectiva de se diferir, não estamos aqui dialogando, isto é, agora não? Além disso, hoje vamos inventariar outros signos que talvez batam um pouco mais em nossas realidades... Bem, vejamos, nossa missão é dar riqueza e agir em potência em meio aos signos, às imagens, e às artes para uns agora que fazemos neste instante?

– Interessante, deixa eu sinalizar, ou melhor, complementar com Taylor. Cito: “o artista é o tradutor universal” (PAZ, 2010, p. 205), e para Deleuze e Guattari: “o

¹ Trecho transcrito por meio do <http://www.deafstudios.com/>

esquizofrênico é o produtor universal” (2011, p. 18). Então, o educador, ou o escreitor é o escritor singular... O criador... De planos imanentes às ciências, às filosofias e às artes. – Zilu, pensador-tradutor de conceitos de autores-amigos de obras anti edipianas.

– Criador de sistemas de signos, de conceitos não sistematizados. O civilizador como corajoso. “A força do pensamento de não nadar a favor da própria corrente é a de resistir contra o previamente pensado. O pensamento enfático exige coragem civil” (ADORNO, 1995, p. 21). Daí “isto se evidencia, de modo grosseiro, nas máquinas cibernéticas” (ADORNO, 1995, p. 16). O pensar filosófico só começa quando teorias filosoficamente científicas se deixam acrescentar e quando mais se retiram além daquilo que se colocou nelas... Tudo isso são pensares filosóficos, se tornam passados e transcriados em outros signos. – Tradutora-e-transcriadora, Molly, de escritos-ditos de Adorno (1995) que continuava mexendo no livro, nas folhas, nas palavras, mas interrompida por outro falante ousado:

– Abusemos de Fidelidade ao Texto “Original”, tornemos fiéis os contextos destes espaços-tempos presente, à poesia criativa e às possibilidades combinatórias entre os parâmetros sintáticos-pragmáticos-biografemáticos...entre elementos científicos, filosóficos e artísticos (falando língua acadêmica de Deleuze e Guattari, 2010). Vejamos, me permito para ser voluntariamente tradutor “mais amoroso do que propriamente edipiano (BARTHES, 2005, p. 304). – Invade mãos grandes de Tim, mantendo um olhar direcionado ao público, e continua um pouco mais ousado:

– Educadores somos todos. Escritores, também. Não somos somente professores que educam. Nem somos somente estudantes que “aprendem a escrever”. Como é possível estarmos fisicamente presentes, mas nossas mentes, em dimensões que se diferem. Como? Estudante também é professor, professor também é estudante, pesquisador também é estudante, participante, também. Sobretudo, somos “felicidade de signos”, conforme Barthes (2004, p. 222). Este escritor, para mim, é melhor professor além de Corazza. Já que com ela, me encontro com Barthes, no discurso que é arranjar e rearranjar sistemas de signos, aprendendo que os nossos sistemas de tradução nunca chegam a “significados últimos, estáveis, fechados”. Então, isso é uma arte translinguística em atualidade, desde sempre. Ou ainda, com Campos (2013), arte criativamente verbal.

– Valeu, Tim... Meu nome é Zilu, sou pesquisador “universitário”, mas como principiante-escreitor, traduzo escreituras e escreio-crio no word. Sem dúvida, uma bela complementariedade filófica em nosso encontro. Agimos-criamos por singularidades escreitoras. Agir como? Manipular o quê? Ficar de frente com a prática de significação? “Entendo por *sentido* o conteúdo (o significado) de um sistema significante, e por

significação o processo sistemático que une um sentido e uma forma, um significante e um significado” (BARTHES, 2007, p. 66) e “a razão está em que o sentido de uma obra (ou dum texto) não pode fazer-se sozinho; o autor nunca produz mais do que presunções de sentido, formas, por assim dizer, e é o mundo que as preenche” (BARTHES, 2007, p.15-16). Criamos nós de sentidos como autores-escritores e torcemos por mais nós, mas desta vez, de significações presentes. Traduzir é uma ação de manipular significante e produzir significados. Isso é, uma significação que se traduz. Educação, Filosofia e Arte, componentes transversais-curriculares-didáticas-escritores-transcriutores, desde o ato de criação (DELEUZE, 1999). Releiamos o título deste encontro: “Educadores and Escritores”, logo criamos novas significações: tradutores-mediadores e escritores? Tudo isto significa, conceitualmente, ato de ler-escrever-traduzir por meio de espectro, imagem reagida-e-criada... Escrita ou traduções, como conceitos operatórios e diários...Sim?

– Obrigado por me permitir questionar, como é que o conceito de escrituras se define? – Questionou um participante surdo que se tornou ouvido atento de Zilu, que lhe responde:

– Definição ou significação, como diria Barthes (2007)? Ou melhor, mediação de novo signo, como o mesmo diria na página de 33: “é no próprio momento em que o trabalho do escritor se torna seu próprio fim que ele reencontra um caráter mediador”? Mediador é tradutor. Traduzimos os fins e transcriamos novos fins iniciais de criação, como diriam vários autores da história da filosofia? Bem, enquanto você lê algo, através de visão mental, onde você escreve leituras e reescreve outras escrituras... Até agora, é algo típico de transcrição escritora. Mais um conceito criativo-ativo-exposto de Corazza (2013) por Campos (2013). “A literatura o representa como uma pergunta, nunca, *definitivamente*, como uma resposta” (BARTHES, 2007, p. 33).

– Então, como posso transformar por meio de didáticas curriculares do campo-área de conhecimento em que leciono “na” mas, também, “a” língua brasileira de sinais? –Resistiu, mais uma vez, aquele questionador-ouvidor.

– (Des)culpe minha ignorância, não entendo tal preposição e artigo definido. Poderia retornar novamente em uma nova linguagem?

– Libras é uma disciplina curricular em todos os âmbitos educacionais, conforme legislações oficiais federais, como eu sou professora de Libras, isto é, um artigo definido. E, enquanto estou na sala de aula, sinalizo nesta própria língua. Então retomo, caro Zilu, como é criar, digo, planejar aulas escritoras?

Zilu pegou, uma outra vez, a obra barthesiana (2007), folheou dois papelzinhos colados e leu em voz alta, com um olhar atento aos interpretes presentes que estavam mexendo corporalmente mãos e rosto, variando formas viscosas: – “A palavra não é nem um instrumento, nem um veículo: é uma estrutura, e cada vez mais nos damos conta disso; mas o escritor é o único, por definição, a perder sua própria estrutura e a do mundo na estrutura da palavra” (BARTHES, 2007, p. 33) e “o paradoxo é que a sociedade consome com muito mais reserva uma palavra transitiva do que uma palavra intransitiva”(p.36)...

Sejamos escreitoras, muito menos de estruturas conceituais, muito mais de estruturas criativas, [olhando o relógio], agora é com Molly, que trata de arte transcultural, transcriadora. Obrigado.

– Obrigada...o curioso é quando digo este termo, me sinto obrigada a fazer. Então, prefiro redizer de outra forma: gratíssima por estes encontros. O que Zilu acabara de responder a a...teu nome....ã, E-M-M-E-R-T? Certo, Emmert, sua pergunta fez com que eu criasse outra resposta questionada. Mas, resposta não finita. Tim apresentou uma arte corporal, Zilu apresentou uma outra arte transfilosófica, então, dessa vez, repensemos: como indicar-produzir-fazer maquinamente esses elementos escreitores? “Ao utilizar a didática-artista da tradução e o método cartográfico [biografemático], nunca é cópia, mas transcrição” (CORAZZA, et al.,2014, p. 1029). Como diria deleuzianamente Corazza (2013, p. 17), “para artistar a educação” não funciona “sem ensaio”, desse modo, “não há inspiração”. É isto que atribui uma significação de escrita inspirada-criada durante ensaio mental e seguidamente, dura um ensaio físico-escrito-sinalizado... Vejamos modelos corazzianos (et. al., 2014), que agenciaram a relação fruída e a prática escreitora entre pesquisa-ensino-extensão, entre espaços universitários e escolares, rasgando, abusando “o papel de consumidores para o de produtores críticos, que podem abrir e criar o seu próprio texto” (p. 1040). É para fazermos papel de tradutor? Sim. Papel de educador? Sim. Papel de leitor-escritor? Sim. Montar papéis mentais-gestuais em meio às nossas vidas leitoras e escritoras? Sim. Articulações políticas governamentais? Sim. Todos pontos positivos nos tornam Escreitores e Educadores. O ensinar-aprender-escreitor de Arte filosófica em seus diferentes componentes, assim como, a dança corporal, a dança filosófica, o teatro artístico, a música artista, as artes gestuais, etc. Ah, “Artes Visuais”, termo tão comum na academia fere os seres humanos, aqueles que nascem com cegueira e aprendem com a virtude de tatilidade. Mas, ao mesmo tempo, tratando de gestualidade, que não tão somente indica os aconteceres efetuais, indica, também, comunicação por meio de mãos-olhos-cérebros mentais-visuais, mas para Surdo-cegos, como seria? Cérebros mentais-táteis...? Estudantes que escrevem em

português enquanto visualizam as mãos de profissionais tradutores-intérpretes de Libras. Português sinalizado. Lendo as palavras através de mãos. Ou de olhos? Não sei. –Disse Molly, em tom delicado.

– Boas observações, Molly. Isso é, construção, desconstrução e reconstrução de conceitos, lembremos que filosofia é criar conceitos, filosofia-esquizo é criar conceitos desejantes. Com Corazza (2006, p. 26), “Escrita-esquizo. À escrita-representacional pergunta-se: – O que quer dizer? À escrita-artista: – Como funciona? Nos dois tipos de perguntas, existem mundos diferentes”. Isso tudo se cria e criador de escrituras que é, sempre, um ato político, tradutor, mediador. –Disse Taylor, no instante em que vê que era mais uma produção de discursos que se produzem por produção e reprodução de conceitos, e decide continuar:

– “Não discuto com o destino, o que pintar eu assino”; “não discuto com o destino, o que vier eu assino”. Em que pintar, em que ir são semelhantes? Sinônimos? Paulo Lemmisky era um poeta de corpo-alma traduzido por outros olhos, isso é, por outras traduções, outros conceitos. “Os conceitos, como veremos, têm necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 8). Mas, o que definimos por “pintar” ou por “ir”? Ou então, “é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Ah, sim! Como fizeram nossos amigos de saberes saborosos, digamos, é criar, ter ideia, ter um plano criativo. O que cai numa criação distinta, criações transversais-interfaceadas com etnologia, literatura, filosofia, diferença, arte e educação. Em etnologia, vemos que nada é finito. Em literatura, vemos a poesia. Em filosofia, visualizamos uma ética vital? Em diferença traduzimos novas diferenciações? Em arte, vemos um belo conceito de Criação: Criação cria os criadores e explode novas criações. Em educação estamos neste instante: ato artístico de se educar. Trato, agora de movimentos criativamente sociais-pensamentais-estratégicos. Com articulações políticas governamentais, com novas artistas-artísticas com/sobre/entre escolas, universidades, casas, ruas? Sim, obrigadíssima. A própria Arte também não pressupõe senão o ser humano na sua natureza espiritual e corporal, e nunca a atenção que esta dispensa às suas obras (BENJAMIN, 2008, p. 25).

Neste trecho encenado, o protagonismo-verbal da Taylor perdeu-se como mudo e cristalizou em novo mundo desta verdade em meio aos signos de sujeitos, objetos e ações. Fragmentado em nomes, coisas e teatros, e logo mais, em um longo fragmento gramatical (substantivos, adjetivos e verbos). Retornou a si mesma, olhando o público que parecia à espera de algum pio de se dar gesto.

– Então um gesto a ousar. Temos uma proposta desafiante. Nós sujeitos, pegamos objetos, criamos sujeitos-objetos-ações mentais e depois recriamos por concretude a todos nós, certo? Trata-se, também, de uma prática de praticarmos escrituras, traduções, transcrições. Sintam-se convidados, por favor, a se posicionarem e pegarem algum objeto que está ali na caixa. Sintam convidados também a tirar dúvidas, produzir ideias coletivas, me chamem, a propósito, me chamo Taylor. Vejamos mais uma vez: Caixa de produções variadas que se conjugam com elementos científicos-filosóficos. Caixa cheia de artes. Mas, podemos tomar, também, a caixa de anotações que alguns de vocês ficavam mexendo na caneta-manual. Vejamos, novamente, com Deleuze e Guattari (2011) que artistamos sujeitos por meio de gozo. Gozo, como é? Gozar palavras, gestos, sinais, figuras por meio de criação. Pegamos objetos dessas caixas, também, objetos mentais-vagas de faladores, como se fossem ciência e filosofia, sistemas de criação em tempo presente. Vejamos, novamente, com ousadores de filosofia (2010, p. 78), que nos potencializam com “um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, “a intimidade como Fora”. Esses Fora-mentais criados que se dimensionam em fluxo-flutuam em nossas mentes; seguidamente, artistam, já que de indicadas-rasgadas-desenhadas formas, é a nossa questão.

20 minutos seguidos-corridos...

A multidão se mexia foguetemente em cenários interiores, um dos publicadores tomara iniciativa de se apresentar em tom poético, mas musicalmente corporal:

Tomo por etnologia biografemática.

Libras é sigla de Língua de sinais brasileira?

Língua gestual brasileira é nome resumido de Libras?

Língua de sinais brasileira? Ó Glória a TV INES.

Língua de sinais regionais? O Glória ao Sinalário whatsappiano.

Língua de sinais biografemáticos? Ó Glória, gestualmente daqui

Línguas biografemáticas. Nossas próprias.

Suspirou um ar inspirado pelo chamado de Ryan, que esboçou um olhar físico, direcionado à multidão que continuava silenciosa, e, mais uma vez, sinaliza: –Comigo, me literalizo *Deaf Pride, Deaf Gain, Deaf power, Deafhood* mas, me formo biografemática na

escrita americana? Porque se for na escrita em português, essa estrutura visual se estraga com os eus de criação. Ora, Orgulho surdo? Ganho surdo? Poder surdo? Ser Surdo (ou Surdalidade? Ou Surdismo?). Pois então, transformo biografemas filosóficos (objeto de criar conceitos): ganho caótico. Orgulho infinito. Poder singular. Estalar Conceitos Surdo-históricos e criá-los como barulhentos sinais por meio de visão mental e corporal. Ora, nestes presentes signos, a partir do momento que me sinto [olhad@], tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente posado, metamorfoseio-me biografematização desta escrita em voz leitora-exterior-extensa.

Então, entra um outro participante escutador que estava em um ponto muito distante e que caía na tradução manipulada de pensar: “Credo, esse tal desvio de sentidos de língua, ousando na ênfase aos sujeitos com perda de audição e ganho de visão... e Orgulho Negro?”. – Parou de brincar mentalmente com rachação inspirada ficando com rosto surpreso, como se fosse traduzida-leitora por Samie:

– *Certezas o vento leva. Só dúvidas continuam de pé*, falando por Paulo Leminski. Com ele, conosco, e consigo, fazemos perguntas não finitas de respostas e respostas infinitas às perguntas. Lembremos de movimentos sociais que exigem um devir ao tema ética: “Nada sobre nós, sem nós”. E, manifestam seus ditos gritantes: Orgulho Gay! Orgulho Negro! Orgulho indígena! Orgulho feminino! Não são apenas “passeatas”, “movimentos”, mas além disso, são ações diárias que visualizamos os mundos vivos. Política, muito interessante, por exemplo: os estudantes da Escola se manifestam contra submissão e pela liberdade de vestir bermudas, shortinhos, e mandando os “Homens” a ensinarem-e-aprenderem como seres éticos de suas sexualidades e de seus desejos... Sim?

– Grata por atenção e por minha permissão de falar. Não devemos viver “a natureza como natureza, mas como processo de produção” Já que não há nem [humanidade] nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro e acopla as máquinas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.12). Há pouco sinalizei quase edipianamente. Agora me torno anti edipiano. Você, apontastes Homens talvez, toda humanidade, não? Pois então, a humanidade é criada por nossas máquinas de pensar-repensar-despensar. Pensar algo, criar algo criado, mas não tão somente pensar, mas um reagir humano ao que sentimos, vemos, tocamos. A máquina é uma forma diária de funcionar pela conexão maquinaica do desejo. Máquina acoplada-conectada ao desejo e cortá-lo em fluxo. Obviamente, máquina nunca pára e se move desde sempre... Então, fluxos expostos. Efeitos jogados por personagens, conceitos e ações, jorrando-se sob “passeio do esquizofrênico: eis um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o fora”? (DELEUZE;

GUATTARI, 2011, p. 12). Isso não é um consciente fora, é um inconsciente que se produz e é produtivo se for feito por passeio. Passear o início (ou um ponto), o meio (ou mediato), e o imediato. O inconsciente funciona como uma máquina-fábrica e não como um teatro que vem instrumentalizado, celeste, muito menos de memorização. Funciona como manipulado pela produção de consumo desejante isto é, gozar sujeitos-e-signos em gozação corporal-espiritual. Um eu, ou um si criador é essencialmente imanente, ética, artística.... Educar+ação+artista, educarista. Maquinamos por trem movimentada de elementos-componentes-traços-riscos sociais-culturais-artísticas. Máquinas de saberes-forças de se artistar governando e artistar-se governando, pela Arte.

Tempo-espaço encerrado

Educadores&Escritores, do “presente vivo” cujo “desejo do escrever” que “surja sempre vivo” “extraordinariamente vivo”, sinalizando por Barthes (2005, p. 304-305). Encerra-se novas finidades de criar, sempre intraduzivelmente em infinidade-infantilidade-criatividade. “O pensar filosófico satisfatório é crítico, não só frente ao existente e à sua moldagem coisal [e técnica] na consciência, mas também, na mesma medida, frente a si mesmo” e “de outro modo, a experiência intelectual permanecerá [e permanece] rapsódica”(ADORNO, 1995, p. 23). Cada ator, cada falador, cada personagem, cada esquireitor, cada criador: entraram como aprendizes-educadores e saíram como educadores artistas, além da Praça satisfeitos, satisfeitamente cumprindo trabalhos satisfatórios. Finalmente, encerra-se com conclusões parciais-transcriadoras de referências autorais-fragmentadas: Ciências de palavras e sinais, sempre criadas e criadoras. Ciências de motor transCriador por meio de curricularização nômade-e-filosófica. Educação, claramente, pela câmara da Criação, explodindo em aventuras de signos-imagens-espacos. Ensaio, aulas, seminários, encontros, reuniões, etc., vagamente infernados por pensamentos de Tradição, forçosamente queimados por Tradução e expirados além de Criação. Sublimação infernada a fervente. Engenhosidade de Arte e de Educação engenhosamente criada. Educação e Arte e Educação e Arte, sempre anpedianamente maquinadas. Substituir e acrescentar, desde sempre, “o que faz gaguejar a linguagem da escola” (CORAZZA, 2003) pois “escrevo sempre diferente de mim” como “uma educadora-escritora” (CORAZZA, 2006, p. 23). O fechar desta janela-tela artistagemente didáticartista em texto dramatizado. O abrir de janelas, sempre a abrir.

O texto, então, conclui: estalos e estalações gestuais (Libras) e escritos deste Texto que agem e reagem (e vice versa) por meio de pensar. “A atração que sobre mim [e nós] exercem certas fotos [biografemas, cenas, gestos] era aventura” (BARTHES, 1984, p.36). Texto produtor daquele “que quer escrever” (BARTHES, 1985, p.32). Tais fotos, imagens, teatros fabricados me [e nos] advém, tais outras não. As nossas vozes, os nossos gestos e as nossas ações são produzidas e produtoras em meio à Educação (ação de se educar), Filosofia (criação de conceitos) e Arte (deste Texto).

Referências

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel, supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (Trad. Antonio de Pádua Danesi.) São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução de Maria de Santa Cruz. Edições 70. Ltda: Lisboa, Portugal, 1985.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg; Revisão: Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **O grão da voz: entrevistas**. Tradução de Mario Laranjeira. Revisão de tradução Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance II: a obra como vontade**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português**. (Org. Lucia Castello Branco.) Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. Org. Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. BH: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Currículos nômades**: múltiplos nomes em 51 fragmentos. Universidade do Vale do Itajaí, SC. *VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e Inserção Social*. 23 jun. 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre; UFRGS, 2013.

CORAZZA, Sandra. Palestra O Que Faz Gaguejar A Linguagem Da Escola. **IV Seminário de Linguagens**: “Mestiçagens culturais. Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Instituto de Linguagens. Cuiabá, 07 de novembro de 2003.

CORAZZA, Sandra Mara; RODRIGUES, Carla Gonçalves; HEUSER, Ester Maria Dreher and MONTEIRO, Silas Borges. Escriteiras: um modo de ler-escrever em meio à vida. *Educ. Pesqui.* [Online]. 2014, vol.40, n.4.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Trad. José Marcos Macedo. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. Coleção Trans 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. br. Luiz B. L. Orlandi. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

PAZ, Octavio. **Tradução, literatura e literalidade**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.